

## Podcast Eh Familiar - Episódio 3

Legenda Transcrição:

(Palavras entre parênteses) → Comentários da transcritora

[00:00:00] → marcação de tempo da fala

“Palavras entre aspas” → citação

{palavra} → hipótese de escuta ou fonográfica, o que foi possível entender

... → exitação, interrupção da fala e/ou mudança de raciocínio

Falantes:

Lais Bim – anfitriã

Fernando Ogushi – quadros informativos

Alexya Salvador – convidada

Saulo Amorim – convidado

“ser cuidada para mim é quando eu cuido de alguém, não tem melhor sensação do que poder cuidar de alguém e ser cuidada também”

“ser cuidado para mim é fazer parte de uma família também”

(Vinheta musical)

[00:00:14] O Podcast É familiar é uma produção do Sesc Avenida Paulista e integra o projeto institucional do Sesc São Paulo, Cuidar de Quem Cuida, que trata do universo da primeira infância, de pessoas que são cuidadoras de referência e do ato de cuidar, acolhendo as diversas realidades do cenário contemporâneo e trazendo ao debate construções sociais que precisam ser revistas.

O direito à adoção foi conquistado pelas famílias LGBTI+ após décadas de lutas! Infelizmente esse direito não veio por meio de lei, mas apenas por decisão judicial.

Como o exercício da parentalidade pela via do afeto acontece para essas famílias? Será que elas têm acesso à informação e recorrem às vias legais em sua composição? Como a naturalização do tráfico de vidas humanas no Brasil afeta e impacta a vida de crianças que são entregues de colo em colo sem o amparo do estado?

Com essa enorme demanda ética e civil em busca de troca de informações e conscientização da população sobre os meios legais para uma adoção, estamos aqui com o **Episódio 3 do Eh Familiar**, em que falaremos sobre Adoção legal (via processo judicial) em contraponto à cultura da naturalização do tráfico de crianças (entregas ilegais) e receberemos Saulo Amorim, nosso consultor de todo o projeto do Eh Familiar e especialista no assunto.

**Saulo Amorim** é Pai, advogado e professor; mestre em desenvolvimento; militante pela adoção, direitos humanos e famílias LGBTI+; blogueiro autor do

Diário de Pai (no Facebook); ex-Presidente e atual Diretor de Relações Institucionais da Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas - ABRAFH; Coordenador do Grupo de Apoio à Adoção Cores da Adoção no Rio de Janeiro e membro do Observatório Nacional da Adoção, e uma pessoa que trará seu relato de experiência pessoal, **Alexya Salvador**, de Mairiporã, na grande São Paulo. É formada em Letras, Pedagogia e Teologia. Foi a primeira travesti no Brasil a concluir um processo de adoção e a se tornar mãe em 2015. Hoje, é mãe de três crianças, sendo duas delas meninas trans. Rompeu outro estigma em 2020: se tornou a primeira travesti a ser ordenada clériga numa igreja cristã na América Latina, tornando-se Reverenda. É ex-vice-presidente da ABRAFH - Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas. É transativista e transfeminista. Sua vida é pautada na militância das causas da adoção, magistério público, pessoas com deficiência e do movimento LGBTQIA+.

(Vinheta musical)

[00:03:32] Olá famílias, eu sou a Laís Bim e sou a anfitriã dos 4 episódios que integram esse projeto, inicio esse episódio agradecendo a todas, todes e todos que estão ouvindo e participando. Vou me autodescrever: sou uma mulher cisgênero, bissexual, mãe da criança Yohanna, sou branca, tenho olhos azuis, cabelos compridos loiros, e estou em São Paulo, entusiasmada por estar à frente das apresentações e interlocuções desse podcast que **Eh Familiar**, como educadora de atividades infantojuvenis do Sesc Avenida Paulista, e os meus pronomes são ela/dela.

[00:04:13] Convido agora Alexya Salvador a se auto-descrever. Bem-vinda!

[00:04:21] Obrigada, meu anjo! Eu sou Alexya Salvador, sou do sexo feminino, minha orientação é travesti, gosto se ser chamada por “ela, dela, aquela”. Eu sou uma travesti de quase dois metros de altura, estou bem acima do peso, pesando 120 quilos. Sou de Mairiporã, na grande São Paulo, neste exato momento estou no escritório aqui na minha casa. Sou mãe do Gabriel, que hoje tem 16 anos, da Ana Maria, que tem 15 anos, e da Daysi que tem 10 anos, e as duas são meninas trans. Ser cuidada para mim é quando eu cuido de alguém. Não tem melhor sensação do que poder cuidar de alguém e ser cuidada também.

[00:05:06] Convido agora Saulo Amorim a se auto-descrever. Bem vindo!

[00:05:13] Obrigado, Laís! Eu me chamo Saulo Amorim, eu sou homem cis, gay, pode me chamar por “ele, dele”, sou um homem branco, de cabelos compridos e lisos além do ombro. Eu falo do Rio de Janeiro, eu resido e trabalho aqui. Eu sou pai do Teodoro e pai da Leonor, sendo que Teodoro já chegou pela adoção e Leonor ainda está a caminho. Mas, não importa que ela ainda não esteja nos meus braços, porque ela existe para mim há muitos anos e é só uma questão de tempo até ela chegar. Ser cuidado para mim significa amar, proteger intencionalmente e não acidentalmente. Família para mim é intenção, é propósito. E ser cuidado para mim é fazer parte de uma família também.

[00:06:06] O Cuidar de quem cuida é, principalmente, um espaço criado para possibilitar dar voz e cuidados às pessoas responsáveis por crianças pequenas. As infâncias são múltiplas e requerem, dentro de suas estruturas familiares, necessidades diversas, incluindo uma ampla rede de apoio para facilitar suas parentalidades e percepções que podem se perder facilmente sem informação e afeto. Vamos juntas?

(vinheta musical)

**Você sabia** que a pandemia de covid-19 afetou profundamente o número de adoções no Brasil ao longo do último ano?

No primeiro trimestre de 2019 foram realizadas 673 adoções no país. No mesmo período de 2020, esse número foi bem aproximado, mas em 2021 caiu para 289.

Ainda que a quantidade de pessoas que pretendem adotar permaneça estável, as restrições impostas pela pandemia aumentaram o tempo de concretização do processo. As entidades e os sistemas de proteção à infância (creches, escolas, igrejas, postos de saúde etc) estiveram fechados por meses, reduzindo drasticamente a capacidade de identificação de situações de violência, abuso, abandono e negligência contra as crianças.

Muitas delas permaneceram por todo esse tempo com seus abusadores e não puderam ser acolhidas pelo poder judiciário e destinadas à adoção. Outras, provavelmente, foram entregues irregularmente de casa em casa.

A presidente da Comissão de Adoção do Instituto Brasileiro de Direito de Família, Silvana do Monte Moreira, constata: a queda nas adoções tem correlação estreita com a redução do acolhimento, tendo em vista que diminuíram cerca de 50% em comparação a 2020/2019, conforme se verifica no censo realizado pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro.

Dados apresentados pelo Conselho Nacional de Justiça, em seu Sistema Nacional de Acolhimento e Adoção ajudam a dimensionar a situação da adoção no Brasil: Atualmente existem 4.258 crianças e jovens aptas para adoção no país e 4.717 em processo de adoção, enquanto 32.792 pretendentes estão disponíveis e aguardam sua oportunidade de paternar e maternar.

Mesmo com os avanços recentes com os acessos virtuais e a digitalização dos processos que, no entanto, ainda não atingiram a totalidade dos acervos.

Os principais desafios da adoção na atualidade são a cultura que naturaliza as entregas irregulares de crianças e a morosidade do Judiciário, que insiste em desprezar os prazos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Acesse nossa matéria no portal do Sesc SP e os links na descrição do vídeo para saberem mais sobre como andam os processos de adoção no Brasil.

(Vinheta musical)

[00:06:38] Laís: E agora nós vamos para a **entrevista com a Alexya Salvador** e eu já começo perguntando, como foi concretizar o desejo da maternidade pela via da adoção?

[00:06:47] Foi um processo bem lindo, porque, aquilo que eu rezei a vida inteira, eu vi se tornando realidade. Eu sou a primeira travesti a adotar no Brasil, em 2015, a concluir um processo de adoção. Poder exercer a maternidade através do meu corpo, que é um corpo socialmente desprezado e perseguido nesta sociedade em que a gente vivie, foi a realização plena de que a maternidade não passa simplesmente pelo corpo cisgênero, mas, ela passa por outras nuances eficazes como a doação, o cuidado, o carinho no dia a dia, a construção. Então, pra mim a maternidade nada mais é do que aquele desejo de viver a família. Isto para mim é família, é quando um cuida do outro.

[00:07:40] O afeto pode vir por milhões de caminhos, não tem um só. Pensando nesse caminho todo que você disse ser a primeira travesti a concretizar a adoção no Brasil, conta pra gente quem foram as pessoas pilares, as pessoas mais importantes neste processo todo de adoção. Tanto as pessoas do seu círculo pessoal, como também as profissionais, que estiveram junto de você e seu companheiro nestes processos de adoção que vocês realizaram.

[00:08:21] Eu não posso deixar de falar da minha mãe e do meu pai que são tesouros importantíssimos na minha vida e até hoje eles caminham este chão da vida comigo e sempre me apoiaram. Então, é claro que eu queria ser mãe pois eu tive e tenho uma mãe maravilhosa, que me mostrou e me mostra ainda que ser família é importante. Nem todas as pessoas vão ter essa necessidade, acho que é bom deixar claro isso, mas para mim construir uma família vem por conta do meu pai e da minha mãe. E, naquele momento do processo, eu fui uma cobaia pro jurídico porque, até então, não se tinha relatos e a experiência dentro de um fórum, dentro de uma comarca. E naquele momento eu também tive muito medo de que a juíza não me desse a guarda do Gabriel por eu ser uma travesti. Então, quando eu busquei referências na literatura, referências no próprio movimento LGBTQIA+, quando eu busquei fora do movimento também, nomes nos quais eu pudesse me embasar, eu não encontrei. Eu encontrei sim, tentativas que, por algum motivo ou outro, acabaram não se concretizando. Então, naquele momento, uma pessoa fundamental na nossa família, eu gosto de dizer que ela é uma arcanja, foi a Doutora Cecília Coimbra, que não me conhecia e, quando me indicaram para que ela fosse a nossa advogada naquele processo, ela que desbravou o universo da adoção. Eu cheguei crua no universo da adoção, carregada de preconceitos que muitos de nós, na maioria das vezes, trazemos quando falamos de adoção. Então, o Grupo Acolher em Mairiporã foi de suma importância, que é um grupo de apoio à adoção, liderado há mais de 16 anos pela Doutora Cecília e a equipe dela, então, eles foram fundamentais, porque

nos acolheram, não viram diferença no meu desejo em ser mãe do que do desejo de uma mulher cisgênero. E, claro que tudo isso se deu porque eu tenho um companheiro, um marido, um esposo que abraçou também o desejo de ser pai, ele também construiu o desejo de ser pai ao meu lado. Então, se não fosse o Roberto naquele momento me apoiando, dizendo, “olha, a gente vai conseguir”... Porque, em vários momentos, se eu disser pra você que eu sofri transfobia de maneira direta, eu vou ser incoerente. Eu vou dizer para você que eu sofri sim a transfobia de maneira muito velada e, foi nestes momentos, que estas pessoas, que estes personagens que são reais, que me abraçaram, minha mãe, meu pai, meu companheiro, minha comunidade de fé, a Doutora Cecília, a Doutora Silvana do Rio de Janeiro, foram fundamentais para que a gente não desistisse, para que a gente pudesse ir até o final que culminou naquele 6 de outubro de 2015.

[00:11:38] Linda história! Então, agora eu gostaria que você falasse sobre as três adoções se elas foram muito diferentes entre si.

[00:11:46] Foram sim, cada uma teve uma história muito particular. O Gabriel nasce como nosso primogênito através de uma visita que eu e Roberto fazíamos a um abrigo em Mariporã. E tudo isso se deu porque eu casei em 2009 (eu fui o terceiro casal LGBT a ter uma certidão de casamento em mãos quando o Supremo permitiu a união de pessoas do mesmo sexo, até então eu vivia enquanto homem, eu não tinha feito a minha transição ainda) então, os anos foram passando e o Roberto e eu entendemos que era momento de darmos mais forma para a nossa família que já existia. Naquele momento, uma priminha de sangue na minha família estava indo para o abrigo, e eu fui atrás, porque não me procuraram. Procuraram todo mundo da família, mas, não me procuraram. Então, eu não entendia nada sobre lei, eu não entendia que eu tinha mecanismos e ferramentas para ter tido o direito de ter ficado com a guarda dessa minha prima. E fizeram de tudo e tiraram ela de mim. Eu fiquei muito mexida com aquilo e, numa visita ao abrigo a gente olhou num cantinho e viu o Gabriel. Ele tinha oito aninhos, um menino com deficiência que não interagiu com ninguém. Quando eu me abaixei perto dele e olhei para ele, ele veio e me abraçou. E ali o Gabriel adotou a gente, o Gabriel me fez mãe. A equipe ficou surpresa, porque o Gabriel não demonstrava afeto, o Gabriel não demonstrava empatia, ele vivia no mundinho dele. E, ali naquele momento, eu encontrei forças para ir buscar o conhecimento, a lei, para ir buscar aquilo que eu tinha que buscar. Foi um ano e meio de muita luta, porque, chegou um momento em que nós nos tornamos padrinhos do Gabriel e a juíza autorizou que ele viesse para nossa casa aos finais de semana e todo domingo eu tinha que levar. Eu buscava ele na sexta-feira a noite e no domingo eu tinha que devolvê-lo no abrigo. E, numa noite, quando eu fui tirar o cinto do carro, o Gabriel falou: “mamãe, não me deixa aqui”. Então ali foi a pior sensação, porque eu olhei para ele e falei: “filho, a mamãe tem que deixar você aqui, eu tenho que devolver você, mas, está acabando”. Eu tinha que procurar um meio de conversar com o Gabriel que ele entendesse, porque o cognitivo dele, cientificamente, é defasado, mas, o coração do meu filho não é defasado. O coração dele pulsa, o sentimento dele existe, é real. E foi muito difícil para mim e para o Roberto deixá-lo lá. Na semana seguinte, na

sexta-feira, eu fui para a casa da vovó, fui levar ele na casa dos meus pais. No caminho, eu estava dirigindo e ele estava no banco de trás e falou: “mamãe!”. Eu quase bati o carro, foi a primeira vez que o Gabriel me chamou de mamãe. Eu ficava naquela nuance de ficar lutando com pessoas cisgêneras, brancas, heteronormativas, que, de alguma forma, queriam dizer que eu não podia ser mãe. Que eu era um corpo estranho, como eu poderia amar uma criança? Como que eu poderia oferecer um lar seguro, ainda mais para um menino que, para a ciência e para a psicologia, ele não responde por ele. Então, eu pisava em ovos, porque eu tinha que ser prudente em todas as respostas. Eu lembro que durante o processo da habilitação para que eu e o Roberto entrássemos no Cadastro Nacional de Adoção, na nossa comarca não tinha psicóloga no fórum e ele enviaram a gente para Guarulhos, porque o último processo era uma avaliação psicológica. E eu nunca vou me esquecer daquela tarde que eu entrei naquele consultório e aquela psicóloga me mediu debaixo a cima, eu vi no olhar dela que ela ia indeferir meu pedido e eu tinha que manter o sorriso, manter uma força que eu não sei, foi Deus que me deu, porque ela olhou para mim e falou: “são anos de consultório, Alexya, e é a primeira vez que uma pessoa igual a você senta diante de mim dizendo que quer ser mãe e eu preciso entender”. Eu olhei para ela e falei: “doutora, se a senhora for procurar um motivo na literatura que desqualifique o meu desejo em ser mãe, a senhora não vai encontrar. A senhora vai encontrar motivos baseados em preconceito, em religiosidade, em senso comum para indeferir. Eu sei que você pode indeferir e eu aqui reconheço que você pode, mas, eu não tenho o que falar, eu só tenho a dizer que eu já sou a mãe do Gabriel e a senhora não vai poder mudar isso. Ele já me elegeu como mãe dele. Ele não nasceu de mim, mas, ele nasceu para mim, ele nasceu para o Roberto. Por alguma força do universo, que um dia eu vou entender, o Gabriel nasceu” E eu vi que aquilo tocou o coração dela, mas, mesmo assim, ela falou: “eu vou precisar que você volte outras vezes”. Quando eu fui pesquisar, eu vi que raramente ela pedia para que uma mulher cis voltasse. Mas, eu, ela fez com que eu voltasse e eu voltei outras vezes até que numa consulta ela chorou muito, ela me pediu perdão, ela confessou o preconceito dela mas ela falou: “eu nunca vi um desejo tão ardente, nestes anos todos, você é mãe, você é mulher e eu estou deferindo o seu pedido aqui.

[00:17:53] Que luz!

[00:17:54] Então, foi a coroação para que no dia 6 de outubro de 2015, pela primeira vez no Brasil, uma travesti que não tinha os documentos retificados (estava tudo lá como masculino), saísse daquela audiência que eu também tive medo (eu esperava que a juíza que tinha fama de ser dura, de não envolver emocional..) ela também falasse que não. Mas, quando eu adentrei a sala, junto com a Doutora Cecília, a equipe toda do abrigo estava presente e foi uma audiência linda, eu fui respeitada, todo momento me trataram no feminino, por Alexya, e eu saí daquele fórum com a certidão do Gabriel, e, pela primeira vez um documento com o nome de Alexya e eu não tinha meu RG com o nome Alexya. Foi lindo. No ano seguinte nasceu a Ana que nasceu lá em Jabotão dos Guararapes. Meu telefone tocou, uma juíza viu uma entrevista minha em que eu dizia que tinha o desejo de ser mãe de uma menina trans e ela falou que

possivelmente tinha essa criança mas não conhecia do assunto. Uma juíza nova e confessou que não conhecia esse universo. Em três semanas a gente preparou a viagem e nessas três semanas ela usou uma novidade na lei que é a aproximação por vídeo. Enquanto a gente preparava a viagem, mandamos vídeos para a Ana e para a equipe do abrigo que também mandava vídeos da Ana. A gente chegou lá conhecendo a Ana, sabendo da rotina dela. Eu mandava vídeos cozinhando, levando o Gabriel para a escola, para a igreja, para a militância. Em 27 de setembro de 2016 aconteceu a audiência em Jabotão dos Guararapes e a Ana saiu de lá já com o nome social dela. Ela disse: Mainha, eu não quero escolher o nome. Eu falei: “filha, tem algum nome que você se identifica?” Ela falou: “Não, mainha. A senhora vai me dar o nome.” Um dia eu falei para a minha mãe que a minha primeira filha ia ter o nome dela, Ana Maria. A GNT acompanhou a gente, está tudo gravado e quando a Ana me viu e o pai dela, ela veio gritando, foi lindo. Foi ali que o meu parto aconteceu. As pessoas precisam entender que adoção também tem um parto. A gente sente as dores, o medo, a angústia e pra mim era tudo novo porque era a primeira vez que eu visitava Jabotão dos Guararapes. É Brasil mas é outra cultura, outro modo de falar, outro clima e eu fui bem acolhida pela equipe e ali a Ana nasceu. Seis meses depois a juíza fez a [00:20:41] → {alguinete} na lei brasileira. Depois que a Ana passou por várias equipes, em Campinas, na UNICAMP, com a doutorada Bárbara Menezes, que se tornou a nossa amiga e fez o laudo atestando que, de fato, a Ana é uma menina transgênera. Seis meses depois o processo de ação foi concluído e a Ana é a primeira menina trans no Brasil, pela adoção, a ter os documentos retificados, sendo menor de idade. A Ana não sabe o que é a transfobia do balcão. Você chegar com seus documentos que diz que é uma coisa e você se apresenta como outra. A minha filha está crescendo em dignidade, está tendo o direito a cidadania

[00:21:26] Que seja precedente para muitas meninas.

[00:21:30] Sim, já tem acontecido e eu me alegro porque a nossa história serviu para embasar outros. Em 2019 aconteceu de novo. O telefone tocou em uma praia aqui do litoral norte e uma menininha de 7 anos negra, trans, que passou por tudo aquilo que uma criança não deveria passar, estava lá, só que nessa comarc a equipe já havia identificado a transexualidade da Deise, que já chegou dizendo que o nome dela é Deise. Super empoderada, sabe dialogar. Eu peguei meu carro, com o Roberto, coloquei a Ana e o Gabriel e descemos, conhecemos a Deise e na semana seguinte a Deise já estava na casa dela. Adoção, nada mais é do que fazer com que um filho volte pra casa. Isso é adoção. A Deise ainda está no processo de adoção. Está acontecendo a destituição do poder familiar dela e esperamos que o juiz, também embasado na jurisprudência que a Doutora Cristiana Caribé abriu, que ele entenda que a Deise precisa urgentemente, na adoção, ter o nome dela reconhecido para que ela, assim como a irmã, possa crescer em cidadania, em respeito, como a pessoa da sociedade que elas são. As três adoções são muito distintas porém, todos esses partos foram feitos com muita dor, com muito medo mas com muita certeza também, de que a nossa família é tão comum, é tão normal e por ser tão comum, por ser tão normal, Deus, o Universo, conspirou e conspira. Não é fácil ser mãe.

Maternidade não é filme da Disney. É um desafio. É entrega. É chorar. É sorrir. Isso que é a maternidade pra mim.

[00:23:35] Alexya, reverenda Alexya Salvador, você amarrou com tanto brilho, costurou e nem estava no seu ateliê, com tanto brilho, esse episódio, essa entrevista. Eu não vou fazer mais nenhuma pergunta porque você nos deu toda a potência do que eu gostaria de falar sobre a adoção e sobre a militância, em cada momento da sua adoção. Se você quiser, você pode falar sobre as suas militâncias, nas características de cada uma. Eu acho que isso dá muita força pra gente que quer adotar, que quer trazer os filhos de volta pra casa.

[00:24:23] E não é fácil. Quem está nos ouvindo, entenda que a gente tem que desmistificar a adoção e a maternidade, de forma geral. Eu costumo dizer que todo dia eu me descubro mãe, todo dia eu tenho que refazer as minhas rotas da minha maternidade. Eu reconheço, às vezes, que eu errei como mãe porque eu fui criada sem ouvir isso da minha mãe. A gente acha que mãe é um ser perfeito e não, mãe é um ser cheio de defeito, cheio de incoerência. Eu sou uma mulher, uma travesti incoerente demais com tanta coisa e na maternidade também. Eu olho para os meus filhos e peço perdão de coisas que eu falei, das vezes em que eu tinha que ter sido mais paciente e não fui, das vezes em que eu teria que ter cobrado e não cobreí ou das vezes em que eu não percebi que estava errando. Eu também não tenho problema em dizer: A mamãe acertou nisso. A gente está acertando nisso. Nós somos humanos e estamos nos descobrindo então, a maternidade também é uma oportunidade de reconhecemos o quão frágil a gente é, o quão a maternidade é frágil mas também o quanto ela é potente, o quanto ela desloca a gente do lugar. Tem que ser por vocação, gente. Tem dia que a minha vontade é entrar no meu carro e sumir, sair gritando: eu não estou mais aguentando isso. Vocês parem.

[00:25:47] Que nem o áudio. Eu não aguento maaaaaiiiiiiss!

[00:25:53] Mas, não mexam com os meus filhos. Não toquem nos meus filhos. Eles são a minha base e eu sei que eles não são meus. Eles não são meus, mas eu sei que eles são a base da minha vida. É o que me deixa em pé, é o que me faz lutar todo dia, contra essa sociedade que eu me deparo quando eu saio na rua. Essa sociedade que não foi feita pra mim e nem para o meu filho que é deficiente. Eu estou dizendo pela primeira vez, em público, recentemente nós descobrimos que a Ana Maria também é uma menina com deficiência. A maternidade é isso, a adoção é isso. Não é você adotar uma criança, como é o desejo da maioria que quer um bebezinho porque tem a ilusão que o bebezinho vai crescer e você vai ... não. Um bebezinho pode vir de um parto cisgênero e crescer biologicamente e aos 15 anos você descobrir que ele tem uma deficiência mental. Isso é natural, é comum. Isso aconteceu com a Ana e entendemos várias situações com a Ana.

[00:27:03] Porque pode acontecer com todas as pessoas do mundo.

[00:27:06] Sim. E não é porque ela foi uma criança que foi adotada.

[00:27:10] Exatamente.



[00:27:11] É porque ela é humana. É gente, como eu e você. Isso é maternidade. Em momento algum eu fiquei chateada e falei porque tinha que ser comigo. É a minha filha. Eu vou ficar do lado dela enquanto Deus me permitir respirar. É fácil lidar com certas situações? Não. E não porque eles são adotivos mas porque são adolescentes. Nós já fomos adolescentes. A gente já afrontou o sistema familiar e ela também tem o direito de afrontar e cabe a mim e ao pai se refazer todo dia e se colocar à disposição porque isso é família. A minha família não é a do comercial de margarina. É da periferia, é preta, favelada pobre, a gente se estranha mas a gente se ama pra caramba também.

[00:28:01] Alexya, muito obrigada por ser tão humana e ser tão maravilhosa. Conta pra gente como te encontramos nas redes sociais.

[00:28:12] Quem quiser me seguir lá no instagram é @alexyasalvadoroficial. No twitter e facebook também estou como alexya. Não posso deixar de falar sobre a reverenda também. Sou a primeira reverenda travesti a ser ordenada numa igreja cristã na América Latina. Hoje eu sou clériga da igreja da comunidade metropolitana que é a primeira igreja inclusiva, presente em mais de 40 países do mundo e que faz uma releitura do Evangelho e acolhe a todas as pessoas sem proselitismo, sem dogmatizar, colonizar o corpo e o desejo do outro e é nessa militância que eu me faço, me descubro, me permito ser. Que Deus me dê muita saúde porque eu falo muito pra Deus que eu quero ver meus filhos adultos, cada um seguindo seu caminho e eu quero estar aqui para poder ver isso.

[00:29:10] Eu te agradeço muito. Você é maravilhosa.

[00:29:12] Eu que agradeço o convite. Obrigada mesmo.

[00:29:15] Muito obrigada.

(vinheta musical)

Nossa **Sopa de Letrinhas** de hoje é sobre: "adoção legal, segura e para sempre"

Adoção de fato: é aquela que ocorre de forma segura e de acordo com a lei! Apenas dessa forma podemos afirmar que uma família surge pela via adotiva de fato e de direito. As entregas irregulares, sem a intervenção do Poder Judiciário, apenas reforçam a cultura do tráfico de crianças.

Apoio psicossocial à criança e sua família: essencial para a estruturação familiar prévia, durante todo o processo de adoção e após, pois é de consenso a necessidade de que a criança esteja em um lar onde se sinta segura, amada, respeitada e pertencente.

Grupos de Apoio à Adoção: são coletivos da sociedade civil que atuam em todo o país há mais de duas décadas. Seu trabalho tem sido fundamental não

somente para preparar e acompanhar famílias em processo de adoção, mas também para conscientizar a população sobre questões sensíveis no planejamento familiar, tal como a compreensão de que crianças não são propriedades de seus genitores e nem objetos a serem entregues de colo em colo. Nesse sentido, evidenciam que a entrega voluntária de crianças em Varas de Infância é direito dos genitores, contudo abandoná-la ou violentá-la é crime!

Sistema Nacional de Adoção - SNA: implementado em 2019 e mantido pelo Conselho Nacional de Justiça - CNJ, possibilita uma visão ampla do contexto da adoção em âmbito nacional. O sistema registra o perfil das crianças disponíveis e das pessoas habilitadas para adoção, permitindo que as equipes técnicas dos tribunais possam viabilizar os encontros.

Na nossa matéria no Portal do Sesc Sp, você encontrará os links para o Portal do CNJ e também um link de suporte falando sobre a importância da adoção por vias judiciais.

(vinheta musical)

[00:32:04] Agora, a gente vai para a nossa **entrevista com o Saulo**. Bem vindo. Vou para a nossa primeira pergunta. A adoção sempre ocorre pela via judicial?

[00:32:17] Sim. Para a gente compreender a adoção no sentido estrito ou amplo da palavra, precisamos que ocorra através de um processo judicial. É importante entender que adoção não é um ato de caridade. Durante muito tempo, a cultura brasileira naturalizou a entrega de crianças, regular ou irregular, como sendo algo muito bonzinho e as pessoas que adotam sendo maravilhosas e não são. As pessoas que adotam são pais e mães como quaisquer outras. Quem adota não está fazendo um ato de caridade. Quem adota está buscando, pela via do afeto, a formação de uma família assim como quem busca pela via biológica. A via do afeto também não é uma segunda via, uma segunda opção, a opção que resta. Existem muitas pessoas, como eu, que poderiam ser pais biológicos mas decidem pela via do afeto porque lhes parece muito mais importante essa via do que laços biológicos. Então, não é uma via menos importante ou secundária. A única via legal para que a adoção ocorra é através do processo judicial. Ela pode ser uma adoção direta, quando ocorre dentro dos limites do que se entende adoção direta, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, a adoção intra familiar. Ou, ela pode ser uma adoção que é a via buscada pela maioria, através de um processo regular de habilitação e do encontro dos perfis das crianças abrigadas com as pessoas pretendentes através do Sistema Nacional de Adoção. Essa é a única via para que a gente possa considerar uma adoção segura, legal e pra sempre. O que difere, em muito, do senso comum. Muitas pessoas ainda pensam: peguei uma criança pra cuidar. Adotei. Não, você não adotou. Você assumiu uma guarda que pode, de início, ser irregular e depois regularizada. Você assumiu os cuidados de uma criança mas isso não é uma adoção. Ah, aquela criança veio com uma família pobre, do Nordeste e eu criei como se

minha filha fosse e chama isso de adoção. Não, porque se fosse uma adoção seria sua filha, não seria como se fosse. Não seria tratada de forma diferente. Muitas histórias se passam com pessoas que vieram do Nordeste e foram criadas em casas de família mas dormiam em quarto de empregada, trabalhavam naquela casa. É uma forma moderna de escravidão. Isso não é adoção. Nunca foi. Se confunde muito, até hoje em dia, a caridade, o apoio, a solidariedade com a infância, com adoção. Para deixar bem claro, adoção é via de formação de família e só se dá através de processo judicial regular. Assumi os cuidados de uma criança, alguém me entregou uma criança, sem a intermediação do poder judiciário, é uma entrega irregular. Mas, pode estar acontecendo simplesmente uma entrega irregular que pode ser observada pelo judiciário e regularizada através de guarda ou pode estar acontecendo um crime e a gente pode falar mais sobre isso.

[00:35:26] E no seu ponto de vista e também do Direito, quais as possíveis origens dessa cultura que romantiza a entrega irregular de crianças no Brasil? E falando disso também, como a naturalização do tráfico de vidas humanas afeta e impacta a vida de crianças que são entregues de colo em colo sem o amparo do estado?

[00:35:48] Estamos tocando em dois assuntos importantíssimos, Lais. Temos no Brasil uma prevalência do biologismo sobre o afeto e isso a gente vê nos textos de lei que são produzidos pelo Congresso Nacional, historicamente. Eu não estou falando de hoje, 2021, estou falando de uma história de décadas, de legislaturas que passaram pelo Brasil. É marcante na construção das leis e isso vai também na matriz do Congresso, de várias legislaturas que já passaram. É marcante a tradição e a moral cristã expressas em textos legais. Uma moral que privilegia os laços biológicos para a concepção do que é a família. A matriz hetero normativa para a concepção do que é a família. Está lá. É só abrir a Constituição e o Código Civil que você vai ver como está claro que família, no texto da lei, é a união de um homem e uma mulher. O avanço que tivemos na última década, a partir da decisão do Supremo de 2011, foi conceber que não há também na Lei, nenhum impedimento para que a família seja compreendida como a união de dois homens ou mulheres. Isso foi, notadamente, um avanço jurisprudencial precário, que pode ser revisto se o Supremo for recomposto com pessoas terrivelmente contrárias as pautas sociais, como pretende o atual governo. Mas, temos sim uma tradição no Brasil, de elaboração de leis que privilegiam o biologismo então é a lei que vai, por exemplo, chamar a família adotiva de substituta. Olha que termo horroroso. Mas, está lá no Estatuto da Criança e do Adolescente. A família que adota é dita substituta. Cá entre nós, existe algum privilégio, algum valor maior em ter sido família formada pela biologia ou pelo afeto? Por que a família biológica pode ser chamada de original e a adotiva é chamada de substituta? São esses termos, esses verbos, essas colocações nos textos da lei que deixam claro o quanto ainda é incrustado na nossa cultura a prevalência dos laços sanguíneos. Sangue determina alguma coisa, Lais? Cá entre nós, aqueles parentes que temos lá no interior do estado e quase nunca vê mas é primo, é tio avô. Significa que ele tem desenvolvido com

you some bond of belonging, that you have with him projects in common, that you have memories? Absolutely not.

[00:38:22] It is a historical culture quite obsolete and that seems that it does not advance and the small advances remain always pending of change at any moment. People cannot formalize that we are family.

[00:38:45] Cannot advance, in fact and in law, because the advances still come only through jurisprudential decisions. People do not have advance in legal terms. People could talk about many other issues but on the LGBTI agenda, we have 10 years from the decision of the Supreme that understood that same-sex unions are family entities. Tell me, how many laws were produced in this decade, to concretize a jurisprudential decision to posit this judicial decision in text, in law? None. And no law project. Entered and left the legislature in the National Congress, hundreds and thousands of federal deputies in each legislature, senators and as many of them had the courage to bring this up, to vote and edit laws that would be favorable to the existence of LGBTI families? None. So, it is for this that in Brazil we cannot say that there is a right, that the battle is won. On the contrary. We have taken steps in favor of the concept of family diversity, which is much beyond the LGBTIQ agenda. Family diversity embraces the theme of our podcast which is the family formed by a same-sex couple that is a family that breaks with a hegemonic culture and with these expectations that relationships are given simply by blood that is mixed between us and others. On the contrary. And each time we realize that family is given by the same-sex couple. It does not need to be formed by adoption. How many of us have that aunt who lived with us for ten years, was a person much more present than any aunt or cousin. You cannot think of your life, your Christmas, New Year, birthday, without her presence because she is family but she does not have a drop of your blood. She is only your aunt but she is as much family as any other person.

[00:41:08] We were even talking about this, about these slow steps, this remains in one sector but the children who are waiting to be adopted, are still waiting and need a family, a space that receives them and the expectations that are generated and when they are in a process already of adoption, many times, according to the researches that Fernando was bringing, they remain in an expectation of being "perfect" so that they are not rejected.

[00:41:54] To fulfill the expectations of those who will adopt.

[00:41:56] Exactly. And look at that sadness.

[00:41:59] It is very heavy. Imagine you talk about children of 4, 5, 6 years. No child who goes for adoption goes with a little story. That romanticism that we see in cinema, novel, the mother (I will not even call her mother) the biological mother, who in a conscious way realized that she did not have the conditions to take care of her child and she gave it away ... is rare. I will not say that it does not happen but it is very rare. Most of the stories that take children to the shelter

e a partir do abrigamento destinadas à adoção são histórias marcadas por abandono, violências, abusos e negligências, de todas as ordens – física, emocional, sexual, moral. São crianças que nasceram e tem a sua história marcada pela agressão. Foram violentadas, abandonadas, negligenciadas no aspecto alimentar, educacional. Crianças que, às vezes, desde o ventre não tiveram o cuidado das suas genitoras, que usavam drogas, bebiam álcool, fumavam, que não fizeram nenhum pré-natal. E aqui não vai uma carga de culpa porque muitas dessas genitoras são mulheres que também cresceram nas ruas e é um círculo que não se fecha porque é uma sociedade que invisibiliza essas pessoas e relega essas pessoas às ruas. São filhas do abandono que abandonam seus filhos. São pessoas que vivem uma história marcada, porque também é ancestral e ai eu preciso falar de uma matriz escravocrata e era desse outro ponto que eu pensei em abordar quando você iniciou a pergunta. Existe no Brasil uma marcante matriz escravocrata que entende crianças como propriedade daqueles que as geram. Essa matriz escravocrata brasileira é tão dolorosa que naturaliza a entrega irregular de crianças. Precisamos denunciar isso. De uma forma geral, as genitoras acreditam que tem propriedade sobre as crianças que elas dão a luz. É muito comum você ouvir histórias do tipo: “tem uma mulher de uma comunidade, que está grávida pela sexta vez e não tem a menor condição de ficar. A mãe dela já não quer ficar com os outros netos então ela está dando essa criança. Você não quer passar lá e pegar não?” Gente, comete crime quem intermedeia, quem assume essa criança e, pior ainda, quem registra essa criança ... Está no código penal ... Como se fosse o próprio pai. Eu conheço várias histórias assim. É muito complicado porque se a gente fosse denunciar isso tudo, são histórias rasgadas. Para pra pensar comigo, se houvesse uma preocupação real e de fato, do Estado, com essas pessoas, será que nós precisaríamos falar sobre tantos abandonos, negligências, violências? Será que se essa situação de vida proscria nas ruas fosse realmente tratado pelo poder concedido que é o Estado, nós realmente falaríamos sobre adoção? Não. A gente vê que na Europa os casos de adoção são cada vez menores porque existem políticas públicas que dão atenção a isso. As sociedades em que a mulher tem consciência que ela não tem propriedade sobre o filho que gera, nas sociedades em que a mulher tem consciência que entregar um filho ao Poder Judiciário é um ato, um direito, uma possibilidade amparada, diminui muito os riscos de que as histórias dessas crianças seja também marcadas por mais tristezas. Nessas entregas diretas, voluntárias dessas genitoras, acontece de muitas crianças irem parar como empregadas. Como é o caso que aconteceu muito nas décadas de 70 e 80, de crianças que vinham do Nordeste fugindo pela fome, as famílias entregavam para famílias aqui do Sudeste, pensando que as crianças seriam cuidadas como se fossem filhas e não, ficavam escravizadas em casas, como escravos modernos. É isso que eu estou falando, dessa matriz de escravidão. Há pouco tempo, aqui no Rio houve uma denuncia de uma mulher de setenta e poucos anos que desde os 14 anos vivia como uma empregada doméstica, sem carteira assinada, sem nada. Foi uma dessas que veio na adolescência e teve uma vida inteira apagada. Essa vida poderia ter um curso diferente se a lei tivesse sido respeitada. Se uma criança tivesse sido entregue ao Poder Judiciário e se a história dela tivesse sido acompanhada por uma

equipe técnica de assistentes sociais e psicólogos. Se uma família regularmente habilitada ou em processo de habilitação tivesse sido apresentada pra essa criança, acompanhada por esse Poder Judiciário e se uma adoção legal tivesse acontecido.

[00:47:14] A nossa tentativa é de não apagar, de cada vez mais deixar essas histórias, essas pessoas e essas possibilidades de novas vidas, de novos caminhos, das crianças que talvez não tenham condições de viver com as suas famílias e genitoras, viverem com um lar de afeto, com os pais e mães mas com garantias, com amor, com tudo isso.

[00:47:40] A preocupação do processo de adoção regular é justamente preservar essas histórias porque quando as assistentes sociais e psicólogas tem contato com as mulheres que decidem fazer uma entrega voluntária, elas tem a oportunidade de fazer um estudo social, registrar a história, de onde vem a criança, quais são as doenças de base, como que a família lidou com isso, isso tudo vai ficar registrado em um processo judicial então não é uma história apagada. É diferente de uma criança que foi roubada, praticamente, em uma maternidade por uma enfermeira e tem dinheiro na maioria das vezes, entregue a uma outra família que não se sabe absolutamente nada a respeito dela. Existem situações complicadíssimas em que genitoras manifestam que talvez não tenham condições de ficar com a criança e quando acordam a criança não está mais nem lá. A própria equipe do hospital deu cabo de sumir com a criança. São histórias muito tristes porque, volto a dizer, naturaliza-se no Brasil essa entrega a partir de uma matriz escravocrata e entende-se no Brasil a Biologia como sendo algo mais importante do que o afeto. Por isso também que existem pessoas que dizem: "Pega uma dessas crianças da favela e registra como se fosse sua porque ai ninguém questiona." Olha o crime sendo naturalizado.

[00:49:01] É um absurdo.

[00:49:02] Para você esconder a origem afetiva da criança através de um registro falso. Como se a paternidade e a maternidade verdadeira dependesse de um laço biológico. Eu, como pai adotivo, já cansei de ouvir essa pergunta que eu sei que ela vem bem intensionada, até pela ignorância: "Mas, ele é seu filho de verdade?" Como se para ter verdade na minha paternidade eu precisasse de um vínculo biológico, sanguíneo, com o meu filho. A minha paternidade é verdadeira, inteira, íntegra, independente dos laços biológicos e sanguíneos que eu possa ter com ele. Seria muito bom que a sociedade brasileira compreendesse isso e que a gente naturalizasse o afeto como via, eu diria primária, preferencial, na construção de famílias.

[00:50:02] E na sua concepção e em todo o seu trabalho, você entende que as famílias LGBTI+ têm acesso à informação e recorrem às vias legais na sua composição pra adoção?

[00:50:20] Infelizmente, não. Ainda são muitos os casos de casais de mulheres e homens que recorrem às vias mais "fáceis". Existe uma impressão de que o processo judicial é lento demorado mas é uma inversão de valores. O processo

judicial é burocrático? É, e que bom que ele é e eu vou dizer porque. Porque estamos tratando de vidas humanas, vidas de crianças que passaram por aquelas violências que eu falei, abandono, negligência e que não podem passar por isso de novo. Elas tem que encontrar uma família que as acolha e proteja, respeitando elas tais como são e existe também uma preocupação do judiciário de investigar as pessoas que estão se habilitando para adotar. Então, tem que ser burocrático, cuidadoso, tem que ter apuro nesse trabalho. Que bom que o processo de adoção é burocrático porque ele vai na contramão dessa cultura que naturaliza: “entrega lá essa criança objeto. Vai pra um lado, vai para o outro. Vai de colo em colo entrega na casa de outro, sem documento.” Já começa a história de uma família toda na mentira. Muitas famílias, impressionadas ou impactadas por essa ideia de que a adoção é burocrática, começam a buscar as vias mais “fáceis” e começam a recorrer às inseminações caseiras, adoções irregulares, assume a guarda de uma criança e depois tenta regularizar e aí se choca com a dificuldade. Um rapaz gay vai lá e assume o registro do filho de uma amiga que não tem condição de assumir aquilo porque é uma criança gerada em uma relação extra-conjugal. Um rapaz que viaja para o interior do Brasil e numa viagem fica sabendo de uma mulher de baixa renda que acabou de ter um filho, entra no hospital, se apresenta como pai, registra a criança como se fosse pai e sai com ela no colo, traz pra cidade grande e assume a paternidade dessa criança com o seu companheiro. São muitas histórias marcadas pela má fé e outras pela ignorância. Eu prefiro crer que, na maioria dos casos é falta de acesso a informação. A gente precisa trazer também a reflexão sobre as oportunidades que as pessoas LGBTI tem, e nessa sopinha de letras principalmente as pessoas T que são as pessoas travestis e transgênera, a falta de acesso que essas pessoas tem a educação e serviços públicos e conseqüentemente a informação. Ontem mesmo eu ouvi uma reportagem dizendo o quanto que a má qualidade do acesso a internet prejudica em oportunidades as pessoas mais pobres. Se a má qualidade do acesso a internet prejudica e prejudicou na pandemia as pessoas mais pobres, que dirá as pobres transgêneras e travestis que às vezes nem celular ou computador tem. Você começa a perceber aí notas de complicação para que as pessoas LGBTI construam as suas famílias, elas tem uma complicação a mais. Falta a elas estrutura de apoio do Estado para ter um acesso a informação de qualidade, para compreender quais são as possíveis vias legais e seguras, de concretização de suas famílias e dentre elas, a adoção.

[00:54:19] Eu acho que nós fomos fazendo um panorama nesses 3 programas. A gente começa com esse apoio familiar, depois vem para o apoio quando você já constitui uma relação, já começa uma estruturação familiar e agora a gente pede por uma estruturação do governo. Então, a gente vai fazendo os pilares que a gente precisa para conseguir caminhar e ter esse suporte, e se já é difícil dentre as nossas realidades, a realidade de quem está no recorte do recorte, de quem é invisibilizado, marginalizado o tempo inteiro, eu não consigo mensurar aqui como deve ser mas a gente precisa falar disso, escancarar, trazer porque tem muita gente para ser adotada, tem muita gente que quer adotar e porque

ninguém pode cercear esses direitos. Acho que a gente tem que partir daí também.

[00:55:26] Eu gostaria muito que a gente tivesse no Brasil algum estudo que verificasse o seguinte elo: se todas essas crianças que são entregues irregularmente, fossem entregues regularmente ao processo judicial de destituição do vínculo original e de constituição de novos vínculos a partir da adoção, se haveria fila de adoção no Brasil. Eu desconfio e ousou dizer que não. É toda uma questão de reconstrução da nossa cultura e precisamos compreender isso como um ato político mas também como um comprometimento social, de cada um de nós, da sociedade civil, engajada em pautas, em questões que são caras. Enquanto o Estado disser que é mais importante economia e menos importante o social nós não vamos avançar. Eu gostaria muito que os ouvintes desse podcast fossem tocados e sensibilizados pra necessidade daquele trabalho que começa dentro de cada um de nós porque a mudança que nós desejamos do mundo ao nosso redor começa dentro de cada um de nós. A mudança que eu espero do outro começa em mim, a partir do meu exemplo e essa mudança não pode estar só em discurso. Ela tem que estar em atos, em práticas e em voto. Um voto bem dado muda o curso de um país. Enquanto votarmos em uma matriz conservadora, partidos e políticos conservadores para compor assim o Congresso Nacional, nós não vamos avançar em pautas sociais e vamos continuar patinando nessa área. Enquanto nós continuarmos atuando de forma conservadora, de maneira geral, enquanto sociedade, nós vamos manter pessoas proscritas do sistemas. Vamos continuar mantendo pessoas negras, em sua maioria, com poucas oportunidades de emprego, com pouco acesso a altos cargos de gestão. Quantas dessas mulheres, cujos filhos são retirados e entregues a adoção, são brancas? É só fazer um levantamento. É fácil. Você vai no site do Conselho Nacional de Justiça e tem um perfil da criança abrigada. A prevalência da etnia da criança abrigada é negra e isso diz também sobre os seus genitores. São negros, pardos. Então, está aí a nota do que o Brasil está fazendo com gerações e gerações então se já não fosse ruim a gente ter um sistema nacional cadastrando milhares de crianças negras sendo abandonadas, negligenciadas, violentadas e abusadas e assim, por conta desses absurdos, destinadas a adoção, quantas mais não entram nesse sistema? A gente está falando de uma subnotificação absurda por conta da naturalização da entrega irregular de crianças, o problema é muito maior do que a gente enxerga.

[00:58:29] E agora, pra gente finalizar quais caminhos você pode sugerir, como advogado e pai adotivo, para quem deseja paternar ou maternar pela via da adoção?

[00:58:40] Acima de tudo, planejamento. A primeira questão para formar família seria planejamento. Seria muito bom se a gente tivesse educação para a sexualidade nas escolas e que isso não fosse um tabu a ser falado com os nossos pequenos e entender que falar sobre sexualidade não é ensinar ninguém a fazer sexo, é uma idiotice, é primário falar sobre isso. Falar sobre sexualidade também importa em falar sobre planejamento familiar, sobre como compor a



minha família, se quero ser pai ou mãe porque existem mulheres que não querem ser mães e tudo bem. É um absurdo você dizer que a mulher nasceu inclinada naturalmente para isso porque existem mulheres que não querem. A gente precisa respeitar o corpo delas. Existem homens que não querem paternar mas aí eles precisam também ser educados para a sexualidade e crescer de uma forma responsável e entender que o fato de não querer paternar não significa que ele pode sair engravidando mulheres por aí e não assumindo os filhos que faz porque senão a gente permanece com esses índices dos censos de famílias prevalentemente marcadas por mulheres com seus filhos, abandonadas por seus genitores. Planejamento familiar é o primeiro passo, é entender quando e como eu pretendo formar essa família. Esse como e esse quando vai dizer muito sobre o seu planejamento de vida. Eu vou falar a partir da minha experiência. Eu sempre soube que eu queria ser pai. Isso era uma certeza na minha vida. A minha carreira era uma outra questão que eu ia resolver no meio do caminho, só que a partir do desejo de paternar e a certeza que eu tinha de ser pai, eu pude ir construindo, colocando ali os tijolinhos dessa história para que, aos 30 anos, que era o que esperava e acabou acontecendo um pouco depois, eu tivesse condições de paternar. Eu tivesse uma casa em que eu pudesse viver com o meu filho, que eu tivesse uma condição financeira em que eu pudesse garantir a ele uma vida razoável ou boa e eu fui dando os passos para isso. Me formei. É lógico que eu sou uma pessoa branca, cis, gay e isso tudo me dá privilégios, mas mesmo uma pessoa que não tenha tantos privilégios como eu tive, pode, dentro das suas possibilidades traçar um planejamento e investigar: talvez aos 35 eu consiga alcançar uma estrutura em que eu consiga formar essa família. Você deseja ser pai, não espera encontrar um príncipe ou princesa encantada para realizar esse seu sonho porque pode ser tarde e aí falando desse tempo, o tempo é ingrato. Se você deixar para buscar a via da adoção, do afeto, aos 40 anos, muito provavelmente você vai paternar e maternar aos 50 e aí eu vou ser um pouco cruel com quem está ouvindo a gente e está nessa faixa de idade. Mais cruel ainda é para essa criança que chega com você aos 50 porque quando ela tiver 20 anos, no auge da existência dela, você já está com 70. Quando essa criança, que chegou para você aos 50, tiver 30 e talvez paternando ou maternando, você já está com 80. Quanto tempo da sua vida você dedicou com esse outro ser humano? Não brinque com o tempo. É preciso que a gente fale sobre isso. Existe um tempo biológico para a mulher maternar, sabemos que o corpo da mulher funciona muito bem em determinada idade, tem questões hormonais envolvidas. Para a paternidade adotiva também existe. É preciso que a gente fale sobre isso porque a depender da idade da criança ou do adolescente, você vai ter mais tempo para dedicar a ela ou menos tempo e não é justo que você organize toda a sua existência e deixe em segundo plano para que essa vida se una a sua e para que ela surja e participe da sua porque pode ser que você tenha menos tempo para dedicar a ela. Estamos falando de planejamento, sobre uma maturidade para a reflexão, sobre esse tempo e uma maturidade também para reflexão sobre o tipo de pai ou de mãe que eu quero ser porque, volto a dizer, eu não preciso de outra pessoa para paternar ou maternar, é muito bom, eu adotei o meu filho ainda estava casado, hoje em dia eu estou divorciado e continuo na fila da adoção esperando a Leonor e posso

dizer que é tão bom ser pai em um relacionamento quanto é bom ser pai como eu estou sendo agora, esperando, gestando essa criança, estando sozinho. A minha paternidade é independente das relações que eu construo. É bom que as pessoas também amadureçam essa compreensão, para que elas estejam inteiras e íntegras quando, de fato, se tornarem pais e mães.

[01:03:47] Que lindo. Que delícia trocar com você, aprender tanto com você, em todo esse projeto e nessa entrevista. Eu te agradeço demais, Saulo.

[01:03:56] Eu que agradeço a oportunidade, agradeço a todos que dedicaram um tempinho para ouvir a gente e me disponibilizo para acompanhar e estar pertinho de cada uma das pessoas que nos ouvem e entendem que família, adoção e afeto são questões importantes. Um beijo a todos, todas e todes.

[01:04:15] Saaulo, e como a gente te encontra nas redes?

[01:04:19] Vários caminhos e todos eles vocês chegam até mim. Eu sou autor do blog Diário de Pai que nasceu no Facebook mas está indo aos pouquinhos para o Instagram também. Eu cuido do Diário de Pai, trazendo relatos de experiência da minha paternidade com os meus filhos, o Teodoro e a Leonor mas trazendo também algumas informações de utilidade pública. Eu também fundei e coordeno o grupo Cores da Adoção que é um grupo de apoio a adoção, sediado aqui no Rio de Janeiro, que se reúne em Vargem Pequena toda primeira sexta feira do mês. Pode chegar quem quiser. Mas, é um grupo também que trabalha com a produção de materiais sobre adoção e todos eles estão disponíveis gratuitamente no Youtube, Instagram e Facebook. Através do Cores da Adoção vocês me encontram e também muito material importante sobre a adoção. É importante que eu diga que o Cores nasceu como um grupo de apoio a adoção, como todo e qualquer outro do país, mas ele se tornou uma referência de grupo LGBTI da cidade do Rio de Janeiro, então é um grupo que promove convívio de famílias diversas aqui na cidade do Rio de Janeiro. A terceira via é a ABRAFH – Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas, da qual eu tive o prazer de ser presidente durante quatro anos e que no momento faço parte como diretor de relações institucionais. Através da ABRAFH vocês me encontram e acompanham um pouquinho da minha militância junto as famílias LGBTI.

(vinheta musical)

[01:08:06] No **Fique por dentro** de hoje, trouxemos algumas indicações de instituições que estão à frente das lutas das famílias LGBTI+ e também de instituições que podem abrir horizontes quanto à adoção com comprometimento:

A ABRAFH – é a Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas

A ANGAAD - é a Associação Nacional dos Grupos de Apoio à Adoção

O MNA - Movimento Nacional da Adoção

E o Cores da Adoção - Grupo de Apoio à adoção formado por famílias LGBTI+

Seus respectivos sites e perfis constam na descrição e em nossa matéria no portal.

(vinheta musical)

[01:08:56] O podcast Eh Familiar é uma produção do Sesc Av Paulista com consultoria de Saulo Amorim, produção de Thiago Theodoro e Felipe Dantas e integra o "Cuidar de quem Cuida: exercícios do cuidar na primeira infância - Políticas públicas", projeto institucional do Sesc São Paulo.

[01:09:18] Para as famílias que acompanham nosso podcast desde o primeiro episódio e para as que chegaram por agora, desejamos que as informações aqui compartilhadas cheguem em boa hora, possam ser subsídio e fonte de troca e protagonismo na organização familiar de todes. Informação boa deve ser espalhada aos quatro ventos, por isso, troquem, compartilhem e também deixem seus comentários nas redes do Sesc Av Paulista.

No Portal do SESC você poderá acessar a matéria do Podcast Eh Familiar, que contém as pesquisas e os links dos assuntos que trouxemos desde o primeiro episódio, além da transcrição completa do áudio de nossas entrevistas. Acessem: [www.secsp.org.br](http://www.secsp.org.br)

O episódio 3 encerra por aqui, já em clima de saudades. Mas calma aí que ainda temos nosso último encontro em que falaremos sobre:

– as dificuldades que crianças e famílias LGBTI+ enfrentam no contexto escolar e uma educação sexual para a saúde e a segurança das crianças.

Esperamos vocês neste podcast que Eh Familiar!